

## **Jornal alternativo Folha Capixaba no Cenário Político de Vitória em meados do Século XX<sup>1</sup>**

Samuel PRADO<sup>2</sup>

Roberto TEIXEIRA<sup>3</sup>

Faculdade Estácio de Sá, Vitória, ES

### **Resumo**

A trajetória do jornal alternativo Folha Capixaba é apresentada nesta pesquisa, tendo como base o contexto político durante a época de seu funcionamento. O veículo de comunicação comunista surgiu em contexto conturbado no ano de 1945 – durante o fim do Estado Novo – e se manteve com pouquíssimos recursos até sua extinção em 1964, por meio de uma intervenção militar. O objetivo era comunicar à classe operária, além de divulgar as ideias de esquerda naquele momento. O periódico marcou a história da mídia no Espírito Santo pela representatividade em relação às classes populares.

**Palavras-chave:** Jornal; alternativo; comunista; popular; política.

### **Introdução**

O jornal Folha Capixaba deu voz ao povo trabalhador do Espírito Santo. Seja do comércio, indústrias ou na zona rural. O jornal tinha esse público-alvo como foco, já que representava genuinamente os ideais comunistas, tanto é que seus fundadores eram filiados ou tinham estreitas relações com o Partido Comunista Brasileiro (PCB). O surgimento desse veículo só foi possível com o fim do Estado Novo, de Getúlio Vargas, em 1945, e o processo conhecido como redemocratização.

O jornal, que é o objeto de estudo desse trabalho, circulou até a intervenção militar, em 1964. Ele representa também o retorno da liberdade de expressão reprimida durante os 15 anos de Estado Novo. Mais especificamente, ele era veículo de comunicação esquerdista no Espírito Santo, com grande aceitação da massa popular. Politicamente, o Folha Capixaba, estava ligado ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), que voltava à legalidade com o fim do antigo regime.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, da Intercom Júnior – X Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 6º semestre do Curso de Jornalismo da FESV, e-mail: prado.samuel@live.com

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da FESV, e-mail: teixeira.rb@gmail.com

O presente estudo se justifica na necessidade de, além do resgate histórico da imprensa capixaba, unir informações que se complementam sobre a história do jornal e contextualizar o período e local de circulação dessa importante ferramenta de comunicação. O jornal Folha Capixaba, circulava, na maioria das vezes, diariamente e, em muitas vezes, teve mais vendagem que demais jornais existentes na época, como A Gazeta e A Tribuna, periódicos em circulação até os dias de hoje. Optou-se por iniciar o estudo sob uma perspectiva metodológica que viesse ao encontro dos pressupostos expostos em aporte teórico. Dessa maneira, realizou-se uma pesquisa bibliográfica pertinente ao tema. Na primeira fase do trabalho, foram pesquisados livros e sites que teorizam o tema proposto ou que se relaciona com ele, no que diz respeito ao contexto histórico social do recorte cronológico do tema – 1945 a 1964. Em seguida, pesquisou-se em documentos públicos oficiais do Estado do Espírito Santo, documentos e projetos federais relacionados e processos protocolados durante a gestão dos governadores do período destacado, notadamente no Arquivo Público do Estado e na Biblioteca Pública Municipal de Vitória. Outra atividade realizada foi entrevista com colaborador do jornal Folha Capixaba, Antônio Ribeiro Granja, com a idade atual de 100 anos. Ele é um dos fundadores do jornal e foi ativista de ideais comunistas e representante do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Também foi realizada entrevista com Nelson Ortega, jornalista voluntário, que foi autor de vários artigos do objeto de estudo.

### **O Folha Capixaba e sua trajetória**

O Folha Capixaba é considerado como jornal alternativo, que fugiu da indústria cultural (mídia de massa) para se dedicar a um público específico. Mesmo assim, dotado de muita representatividade na sociedade capixaba.

A situação do jornal se liga ao conceito de Peruzzo (2008), que diz que a comunicação alternativa é “uma forma de expressão de segmentos empobrecidos da população, mas em processo de mobilização visando suprir suas necessidades de sobrevivência e de participação política com vistas a estabelecer a justiça social”.

Martinuzzo (2005, p.210) complementa que “o jornal alternativo não pode possuir fins lucrativos. Ainda que seja vendido, os lucros eventualmente angariados devem servir a

causas outras que não empresariais”. Esses conceitos descrevem com precisão a realidade desse jornal que durante sua existência sofreu com a falta de material e a maioria de seus trabalhadores eram voluntários.

As discussões sobre o envolvimento da mídia com a política não vêm de conspirações, mas de fatos. Os veículos impressos do passado deixavam claro seus apoios e ideais políticos. Um mesmo tema era exposto de acordo com as lentes políticas, que podemos chamar também de linha editorial, de cada veículo. O objeto de estudo desse trabalho, o jornal Folha Capixaba, exemplifica bem esse vínculo da mídia a política. No caso desse impresso produzido em Vitória, no Espírito Santo, entre os anos de 1945 e 1964, ele era veículo oficial de comunicação do Partido Comunista Brasileiro (PCB).

A meta é reproduzir neste trabalho não só os detalhes desse jornal, mas também o contexto político do Espírito Santo, durante a circulação do periódico. Os contextos brasileiro e mundial também são mencionados à medida que existe a necessidade, para mostrar as ligações que existiam entre a mídia local e os acontecimentos mundial.

O Folha Capixaba foi um jornal impresso que deu voz ao povo trabalhador. O contexto de Guerra Fria fortaleceu os jornais comunistas em todo o mundo e no Espírito Santo a lacuna para esse tipo de mídia foi preenchida por esse jornal tão logo que houve possibilidade. Com o mínimo de infraestrutura para uma redação, o jornal era distribuído para as ruas e querido pelo povo. Afinal, ele dava espaço ao proletariado.

Além de vários artigos comunistas, havia também todo o tipo de notícia oriunda e destinada à população mais simples e pobre, que não estava retratada nos outros grandes jornais que circulavam na época, como A Tribuna e A Gazeta. Isso criou uma relação de identidade entre esses trabalhadores e o jornal. Quando se trata de trabalhadores, leva-se em consideração que a maioria eram os que atuavam no Porto de Vitória e Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), hoje com o nome de Vale.

A primeira edição do jornal Folha Capixaba foi no dia 1º de maio de 1945. A data não foi por acaso, pois “Dia do proletariado” era um dos artigos de destaque dessa primeira tiragem. Na época, a capital do Espírito Santo, Vitória, possuía cerca de 45.000 habitantes. Mesmo fazendo parte da região Sudeste, a mais desenvolvida do país, o Estado ainda era subdesenvolvido e se manteve assim até a década de 60.

Também não foi por acaso que esse jornal comunista começou a circular em Vitória, em 1945. Esse ano marca o fim do Estado Novo, que foi um período iniciado em novembro de 1937, com a decisão de Vargas em continuar no poder depois de ter articulado apoio com os grandes fazendeiros e governadores da maioria dos estados brasileiros, exército e Congresso. Ele suspendeu as eleições marcadas para o início de 1938, em que não poderia se candidatar, e permaneceu num regime autoritário e fascista até 1943, quando começou a ser pressionado e, aos poucos, foi deixando o controle nacional.

Por meio dessa articulação, Vargas não precisou de nenhum movimento específico. O estilo de governo era, acima de tudo, pessoal, como ressalta Skidmore (1982, p. 53) “[...] ao contrário dos seus mentores europeus em matéria de fascismo, Vargas não organizou nenhum movimento político para nele basear seu regime autocrático”.

Ao do Estado Novo, assim como outros jornais no país, O jornal Folha Capixaba emerge num momento de reabertura democrática. O ocorrido se reafirmou por meio da nova Constituição, de 1946. Quinze partidos foram criados, mas apenas 9 deles obtiveram o registro e somente 5 possuíam força política no Espírito Santo. São eles: o Partido Social Democrático (PSD), ligado aos interesses latifundiários cafeicultores; o Partido da Representação Popular (PRP), que representou os pequenos proprietários rurais, que constituíam 80% da população capixaba; a União Democrática Nacional (UDN), representante das facções urbanas, mais precisamente os profissionais liberais; o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e o Partido Social Progressista (PSP) eram pequenos e agregavam forças políticas diversas do meio rural e urbano.

No Espírito Santo, o Folha Capixaba foi o principal veículo de comunicação comunista. Seus ideais foram baseados nas páginas do Manifesto Comunista, de Karl Marx e Friedrich Engels, escrito entre novembro de 1847 e 1848. A meta dessa obra é uma formação de classe e o poder político nas mãos do proletariado, além da não existência da propriedade privada.

Antes mesmo do Folha Capixaba, surgiam, em outros estados, impressos com a mesma proposta: levar os ideais comunistas ao povo. O jornal Diário de São Paulo, depois de algumas hesitações, já tinha publicado uma entrevista com Monteiro Lobato em que o escritor louvava ao comunismo e homenageava o líder do movimento no país, Luís Carlos Prestes. A matéria saiu duas vezes, em menos de um mês, no ano de 1944.

Também em São Paulo, o diário Hoje, constituído por uma sociedade anônima, torna-se órgão oficial do Partido Comunista, com o fim do Estado Novo. No Rio de Janeiro, foi o Diário Carioca quem levou, a partir de 1946, os ideais comunistas adiante e logo de início mostrou apoio ao candidato a presidente Eduardo Gomes. Ele era filiado à União Democrática Nacional (UDN) e perdeu as eleições para o presidente apoiado por Vargas, o general Eurico Gaspar Dutra.

O Folha Capixaba foi consequência desse momento na política brasileira e marcou a posição de mídia esquerdista no Espírito Santo, mais precisamente, o Partido Comunista Brasileiro (PCB). Para Shayder (2002, p. 103), esse momento de reabertura política no país começou com o declínio de Getúlio Vargas, no final da Segunda Guerra, em 1943. O Brasil se uniu aos aliados, que combatiam o nazi-fascismo, mas era governada de forma autoritária e até inspirada nos governos de Hitler e Mussolini. “Por todo o país, cresciam as manifestações pró-democracia. A situação vivida por Getúlio Vargas era inusitada: mantinha um regime autoritário internamente e, externamente, combatia as ditaduras nazifascistas da Europa”, afirma o autor. Já Skidmore (1982, p. 72) é menos polido ao tratar do assunto dizendo que: “Os brasileiros tinham-se dado conta da anomalia de lutar pela democracia no exterior enquanto persistia uma ditadura em seu próprio país”.

Pressionado, Getúlio Vargas deixa o poder, em 1945. No Espírito Santo, no mesmo ano, sai o interventor fiel de Vargas, Jones dos Santos Neves. Até que ficasse pronta a nova Constituição, de 1946, o Estado não realizou eleições. Shayder (2002, p. 104) compara

No nível federal, como vimos, foi mantida a data das eleições para preenchimento dos cargos políticos. No nível estadual, todavia, o calendário foi alterado: as eleições para governador e deputado foram adiadas para 1947, quando já estaria elaborada a Constituição Federal e, portanto, definido o cenário político nacional.

Entre 1945 e 1947, quatro interventores governaram o Espírito Santo. Isso causou instabilidade e poucas mudanças, já que eram administrações transitórias e por isso não houve muitas realizações.

### **Influência nos governos**

Durante os anos de existência do jornal Folha Capixaba, a administração do Espírito Santo foi executada por três importantes governadores: O primeiro a tomar posse, em 1947, foi Carlos Fernando Monteiro Lindenberg, do PSD. Ele exercia uma liderança coronelista,

personalista e autoritária e sua principal preocupação era incrementar o setor agropecuário. Carlos Lindenberg governou até 1950.

Após esse primeiro governo, volta Jones dos Santos Neves. Ele foi chefe do Executivo estadual de 1951 a 1954. Apesar de participar do mesmo partido político que Carlos Lindenberg, Jones preocupava-se mais com o processo de industrialização do Estado. Shayder (2002, p. 107) ressalta que

A gestão de Jones Neves coincidiu, no nível federal, com a do seu mestre político, Getúlio Vargas. Seguindo a política *desenvolvimentista* de Vargas, o governador capixaba elaborou o *Plano de Valorização Econômica do Estado*, eixo central de sua administração.

O mesmo autor relata sobre a força que tinha o PSD. No período de circulação do jornal Folha Capixaba, apenas por duas vezes um candidato de outro partido se elegeu como governador do Espírito Santo. Nessas exceções, estão as vitórias eleitorais de Francisco Lacerda de Aguiar, conhecido como “Chiquinho, o populista”, que venceu as eleições contra Jones Neves em 1954 e 1962.

O jornal Folha Capixaba mostrou sua força na política ao apoiar o “Chiquinho” nas eleições de 1962. O jornal pediu ao povo para que votasse nele. Francisco Lacerda de Aguiar ganhou a acirrada disputa.

O senhor Antônio Ribeiro Granja, um dos fundadores do jornal Folha Capixaba e militante comunista, confirma que Chiquinho pediu ajuda do jornal para se eleger em 1962. “Ele me chamou e pediu para publicar nota pedindo votos dos leitores”, disse. Isso mostra a força que tinha o jornal no contexto político capixaba, naquela época. Granja acredita que esse foi um dos maiores legados deixado pelo jornal.

Nas duas vitórias eleitorais, Francisco Lacerda de Aguiar usou o populismo para vencer. Shayder (2002, p. 108) revela que: “A estratégia de campanha para elegê-lo foi, nas duas ocasiões, a mesma: fizeram-no parecer, para o eleitor, um “homem do povo”. Na realidade, Francisco Lacerda de Aguiar era um grande fazendeiro da cidade de Guaçuí”.

João Gualberto (1995, apud Shayder, 2002, p. 108) disse que: “Chiquinho saiu em busca do povo. Subiu morros, visitou favelas, [...]. Sua campanha fundou-se nessas visitas feitas às casas dos eleitores, onde tomava café, conversava sobre fatos banais e ouvia suas reivindicações [...]”

Para mostrar a diferença na administração, Chiquinho “abriu” as portas da sede do governo, o Palácio Anchieta, para promover a participação popular em suas gestões. Semanalmente havia audiências públicas e as pessoas e comunidades eram ouvidas e ali expunham seus problemas e pedidos. Entretanto, o que se via era uma capa de democracia. A verdade é que Francisco Lacerda de Aguiar dava prioridade aos interesses da elite econômica espírito-santense. Afinal, ele era um rico fazendeiro que deixou o PSD para ir para a “coligação democrática” (PSP + PR + PRP + PTB + UDN + PDC) pelo fato de que este último o lançaria como candidato a governador, diferentemente do primeiro.

Durante os quase 15 anos de existência, o Folha Capixaba concorreu com jornais tradicionais, como A Gazeta e A Tribuna, e obteve sucesso. Para Martinuzzo (2005, p. 219)

O mais interessante de se observar nisso é como um jornal marcadamente de esquerda, produzido sem uma infraestrutura suficiente, que contava com diversos colaboradores para produção de textos, conseguia concorrer, em termos de leitura da população, com jornais produzidos por empresas de comunicação.

O senhor Antônio Ribeiro Granja lembra que “às vezes não tinha papel e a gente pensava que não teria jornal no outro dia. Ninguém recebia salário no jornal. Todo o dinheiro era para manter as máquinas funcionando”. Granja confessa que se não fossem os jornalistas voluntários, o jornal não circularia no dia seguinte. “Eles terminavam o trabalho lá no jornal A Gazeta e depois iam ajudar a gente na nossa tipografia. Isso já era de madrugada”.

As publicações do jornal tiveram seu fim decretado no golpe militar de 1964. De acordo com Martinuzzo (2005, p. 220), “o jornal foi confiscado, o material foi queimado e seus responsáveis foram presos temporariamente”.

O jornal Folha Capixaba queria se comunicar com o povo, com a classe operária, além de divulgar as ideias de esquerda naquele momento. O senhor Granja afirma que “ele fazia questão de publicar reclamações do povo, enquanto A Tribuna e A Gazeta filtravam mais esse tipo de notícia”.

O Partido Comunista Brasileiro (PCB) e Partido Socialista Brasileiro (PSB) foram perseguidos, no contexto da Guerra Fria. Por estar ligado a esse primeiro partido, o jornal Folha Capixaba também sofria perseguições diversas. Hees e Franco (2003, p. 127) descrevem que

O Partido Comunista Brasileiro (PCB) teve uma existência efêmera. Como o Espírito Santo nessa época era um estado essencialmente rural e

como a tendência era de sua população votar de forma conservadora, esse partido só conseguiu efetivamente ter votação expressiva nas áreas urbanas, como ocorreu nas eleições de 1945 e 1947, em que conseguiu eleger representante no legislativo municipal.

O Folha Capixaba foi o jornal de oposição durante o período de reabertura democrática no país. Assim como os demais jornais comunistas do Brasil, foi fechado após o golpe militar de 64. Segundo o Sr. Granja, as máquinas foram envenenadas para que nunca mais funcionassem. No caso do veículo espírito-santense, um dia depois da retomada militar ao poder, as dependências do jornal foram saqueadas, depredadas e interditadas.

## Referências

HEES, R. R.; FRANCO, S. P. **A república e o Espírito Santo**. 2 ed. Vitória: Multiplicidade, 2005. 154p.

MARTINUZZO, J. A. (Org.). **Impressões capixabas**: 165 anos de jornalismo no Espírito Santo. Vitória: Imprensa Oficial do Espírito Santo, 2005. 323p.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto comunista**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009. 67p.

PERRONE, A.; MOREIRA, T. H. L. **História e Geografia do Espírito Santo**. Vitória, 2003. 272 p.

PERUZZO, C.M.K. **Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados**. Reelaboraões no setor. Revista Palavra Clave, Vol 11, No 2 (2008), Universidad de La Sabana. Colombia.  
Disponível em: <http://palabraclave.unisabana.edu.co/index.php/palabraclave/article/view/1503/1744>

SCHAYDER, José P. **História do Espírito Santo**: uma abordagem didática e atualizada 1535-2002. Campinas: Companhia da Escola, 2002. 171 p.

SKIDMORE, T. E. **Brasil**: de Getúlio Vargas a Castello Branco (1930-1964). 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 512 p.

SODRÉ, N. W. **História da imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: MAUAD, 1999. 501 p.